

Saddam e os direitos humanos



O sentimento misericordioso nos faz defender o fraco contra o forte. Assim atuam, devidamente, os ativistas dos direitos humanos, cujo devotamento à causa muitas vezes assemelha-se a uma política unilateral. Condenam as violências praticadas contra os presos sob a responsabilidade do Estado, mas com eles são em geral solidários porque seriam fruto da injustiça da sociedade que os faz criminosos. As vítimas verdadeiras — dizem — são os que roubam porque têm fome, como Jean Valjean que furtou um pão, pelo que Victor Hugo, em *Os Miseráveis*, fê-lo penar nas galés e na perseguição implacável do policial Javert.

Juristas de bom coração até argumentam com o direito dos famélicos. Clérigos bondosos ensinam que há quem mate porque a sociedade, dada a perversidade com que os discriminou, acabou por armar-lhes o braço de homicida. Daí justificar-se a solidariedade unilateral. Nada a estranhar, pois, que os defensores dos direitos humanos batam-se mais pela integridade física dos presos por crimes de roubo ou homicídio — que a sociedade os levaria a cometer — do que pelos que eles roubarem, violentarem e assassinarem. A culpa será da sociedade injusta — sempre ela — que os transformou em feras.

Se um policial se excede no trato do preso, exigem corretamente a punição severa, para que não se torne impune a deformação profissional e desumana de quem exerce uma função social em nome da ordem e da lei de que é instrumento do Estado. Se morre o policial em missão, isso não passa de um risco contratual inerente à sua profissão. Se assassinado fora de serviço, porque identificado como policial à paisana, o que parece excesso de ódio — sustentam seus defensores — é apenas o resultado de um simbolismo, que associa à polícia, como um todo, o braço da opres-



JARBAS PASSARINHO

Foi governador, senador e ministro de Estado

são dos donos do poder.

A tintura ideológica ajuda a pretensa justificação. Nem se condenem as invasões da propriedade rural pelos que não têm terra para trabalhar ou, que nunca tendo sido trabalhadores rurais, são desempregados mobilizados nas periferias das cidades, povo que o velho Marx chamava de lumpenproletariado. É a resposta — como ensinam até os hierarcas da minha Igreja — que dão aos que, desde as capitâncias hereditárias, concentram ominosamente a propriedade no campo e vivem da exploração dos excluídos.

Os militantes dos direitos humanos lembram as figuras retratadas naquele Magriço, do poema épico de Camões, sempre pronto a defender a dama ofendida, no caso a dignidade do ser humano, não de todos, mas de alguns.

Tony Blair, no decurso da guerra contra o Iraque, explorando o carisma que andou declinando na aventura ao levar a Grã Bretanha a associar-se às razões — afinal infundadas — que o presidente Bush invocou para atacar o Iraque, escreveu um artigo publicado na imprensa mundial, ironizando a mídia que se apiedava de Saddam Hussein, um tirano cruelíssimo, que ainda não fora aprisionado. Não contou ele com os defensores dos direitos humanos, atentos às ofensas à dignidade do prisioneiro. Gente misericordiosa, que se sente chocada com as fotos da prisão do pobre Saddam.

“Uma humilhação imperdoável”, gritaram os que se deixaram dominar por total desconforto ao verem a fotografia do presidente do

Iraque, ao ser retirado de um buraco e recebendo a saudação sarcástica do soldado americano em nome do presidente dos Estados Unidos. Um valoroso cardeal italiano protestou: “Os americanos exibiram Saddam como se fosse uma vaca”. Horripilados, impertérritos militantes dos direitos humanos criticaram rudemente o presidente Bush porque sugeriu que a Saddam se aplicasse a pena de morte, legal no Texas, que ele governou.

Que diriam essas criaturas beatíficas se contemporâneas da Alemanha derrotada em 1945, quando a nata dos militares e civis comprometidos com Hitler foi punida severamente? O Tribunal de Nuremberg a uns condenou à morte, assim o marechal de campo Keitel, coordenador dos exércitos alemães na guerra, e Ribbentrop, ministro do Exterior de Hitler. A outros, à prisão perpétua: Rudolf Hess e o almirante Raeder, comandante-em-chefe da Armada alemã. Hess morreu na prisão de Spandau, por exigência dos soviéticos que não lhe permitiram, já idoso e doente terminal, despedir-se dos seus em liberdade.

Críticas seguintes salientaram outra humilhação imposta por desalmados ao pobre Saddam: “estavam-no obrigando a varrer a cela em que está”. Na prisão de Spandau, descrita por Albert Speer, condenado a 20 anos de reclusão, todos, marechais, almirantes e o próprio Speer, varriam suas celas ao amanhecer, com vassouras que alguns guardas — especialmente os russos — exigiam que marchassem com elas nos ombros, à semelhança dos desfiles militares. Uma lástima não haver, então, essa benévola gente dos piedosos ativistas dos direitos humanos, para quem, hoje, Saddam deve ser poupado do constrangimento que avilta.

Acusado de matar milhares de iraquianos suspeitos de covardia na guerra contra o Irã e do uso de gás venenoso contra os iranianos e os separatistas curdos, não mereceria o vexame de varrer sua cela. Um homem afetuoso, o pobre Saddam perdoou os dois genros, oficiais desertores do exército iraquiano, homiziados em Teerã, acompanhados das mulheres. Insistiu para que voltassem. Voltaram. Pouco depois foram mortos. Nem uma palavra dos ativistas sensíveis à ofensa à dignidade humana.

Os americanos, acusados das humilhações ao compassivo Saddam, já estão impedidos de fazê-lo, em boa hora reconhecido que foi pelo Pentágono como prisioneiro de guerra. Não pode mais ser divulgada sua foto. Nem exibido como troféu. A Convenção de Genebra o protegerá. Respeita-se, afinal, o líder do Partido Socialista Baath, que nacionalizou a indústria do petróleo e, inconformado com a herança da imperialismo inglês, lutou pela reconquista do Kuwait, provocando a Primeira Guerra do Golfo. Grau dez para as ONGs e militantes heróicos dos direitos humanos. Saudade do Tribunal de Nuremberg.